



*J. M. J. S. S.*

*Est. d'Acad. Real. B.A. de L. S.*

# JOAQUIM JOSÉ TASSO



m galan ! É positivamente um galan de quem hoje vamos entreter-nos, o que não me obriga, supponho eu, a mudar do tom em que aqui mesmo lhes fallei de Taborda, porque o actor em geral, galan, tyranno, ou gracioso, canta-se com qualquer musica, e é tanto um romance sentimental como uma cançoneta comica ! Guardemos-lhe os seus dias de chuva e de bom tempo, as suas noites de alegria e de insomnia ; acceitemol-o como se acceita o céo ennuveado ou scintillante de estrellas, acompanhemol-o quando elle está cantando, demos-lhe uma lagrima quando soffre, heroe e martyr d'esse especial mundo de prestigio e miseria, que veste casaca bordada de um lado e alinhavada do outro, gente que nasceu na bohemia e que sabe rir chorando !

Ha comediantes de tres cathogorias : o artista, o actor, e o sujeito que é do theatro. O artista é o homem independente que estima a arte, cultivando-a com amor, e procurando bur-

nil-a como o esculptor lustra a estatua ; o actor é o empregado de vinte mil réis, que está á espera do fim de cada mez para arrecadar o que lhe é preciso para pôr a panella ao lume, e que vae aos ensaios como o continuo á secretaria ; finalmente o outro, *o que é do theatro*, é o supernumerario, que vegeta tres annos, cinco annos, quinze annos, nos suburbios sem poder passar as portas ; é a imagem de um barril de vinho submettido á verificação dos guarda-barreiras ; o intendente n'estes *direitos de entrada* é o ensaiador ; das tres classes esta é a mais digna de lastima, porque permanece sempre na obscuridade e na penuria ; uma occasião ensaiava-se no Gymnasio uma peça em que se entregava uma carta, não sei em que scena do segundo acto ; o homem, que entregava a carta, era um comparsa que ganhava oito vintens cada noite, o que me parece razoavel n'um paiz em que um correio pouco mais ganha por entregar muitas ; o homem teve a ambição de acompanhar a entrega da carta de algumas palavras, e pediu ao ensaiador Romão que lhe alcançasse isso do auctor.

— Mas o que quer vocemecê dizer ?

— Qualquer coisa.

— Basta-lhe uma phrase ?

— Uma phrase me satisfaz !

— Mas attenda que, desde o momento em que falle, deixa de ser comparsa...

— Isso é o que eu desejo !

— Mas tambem deixa de ganhar.

— Como, deixo de ganhar ?

— É claro. Um moço que traz um papel sem dizer nada é um comparsa : tem oito vintens ; um moço que traz um papel e que diz que o traz, é um discipulo : não tem ordenado.

— Pois muito embora ; desejo ser discipulo !

— Bem. N'esse caso, como n'esta peça a carta figura ser de uma boroneza, vocemecê entra e diz : Aqui está uma carta da senhora baronesa !

— Muito obrigado a V. S.ª !

— Isto passou-se ha tres annos. O mez passado, no Gymnasio, representou-se não me recorde que comedia, vi entrar um homem com uma carta.

— Uma carta do senhor barão ! disse elle.

Era o mesmo de ha tres annos. Está discipulo.

Os actores em geral julgam-se perfeitos, e se pedem conselho a alguem é já na intenção de não o aproveitarem ; a vaidade que seria defeito n'outra gente, torna-se prenda n'elles ; um

actor sem vaidade, é um cego sem cão, um porta-machado sem barbas, uma ama sem leite. É a esta tolice do orgulho que se deve o não quererem incumbir-se de alguns papeis; no nosso tempo mesmo, é uso encommendarem elles aos auctores que lhes fabriquem heroes á medida do seu desejo. Os auctores vão mais adiante, e até lhes redigem os papeis com as phrases que, pelo costume, elles dizem melhor; para a sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves um — «Oh! meu Deus, eu t'ó agradeço!» em cada acto: para o sr. Theodorico um — «Ainda não!» apparecendo ao fundo; para o sr. Tasso um ajuste de duello — «Ás seis horas da manhã no campo da honra: lá me achará!» e immediatamente ao ouvido da dama «Esta noite, no jardim!» para a sr.<sup>a</sup> Manuela Rey umas gargalhadinhas insinuantes: para a sr.<sup>a</sup> Emilia Adelaide uma phrase ironica: para o sr. Santos — «O espirito do seculo etc.»: e para o sr. Rosa «Primeiro hade passar por cima do meu cadaver!»

Ultimamente, não sei se por não lhe andarem a geito os dramaturgos, resolveram-se alguns artistas a escreverem as peças elles mesmos; essas peças não podem considerar-se como o resultado de uma ambição litteraria, mas como artificio para terem papeis a seu gosto, em que triumphem as condições suas predilectas. Já contei algures que Santos, o joven e espirituoso actor, me dizia outr'ora muitas vezes — «O meu ideal é uma casaca azul de botões amarellas, n'um papel de rapaz corajoso, intelligente e elegante:» annos depois n'uma peça que escreveu para o theatro de D. Fernando, *O Anjo da Paz*, o sr. Santos concedeu-se uma casaca azul; o sr. Braz Martins, que tinha um fraco pelos Santos, fez-se Santo Antonio, e S. Vicente de Paula; o sr. Cesar de Lacerda affeiçoado a uns scepticos modernos, moços bem trajados mas de vida escura, que accusam a sociedade dos vicios que possuem, tem sido sceptico a faltar em muitos dramas de sua composição. O sr. José Romano, ainda ha pouco, actor do theatro da rua dos Condes, aproveitou a sua corpulenta estatura na pessoa de Samsão! Isto não nos impede de considerarmos a natureza do actor opposta á do poeta; o poeta é um ente scismatico, solitario, sonhador, que procura, inventa e cria, sendo-lhe frequentemente difficil a palavra; o actor não sonha, falla, gesticula, exprime, tem a alma na phisionomia; ao passo que os sentimentos do poeta concentram-se-lhe no coração. Nem os actores devem ter individualidade para poderem represental-as todas; as suas caras brancas, rapadas, sem bigode, sem subissas, não são senão a télla em que o auctor vae pintar os seus personagens. Porque são elles ora

\*

pallidos, ora vermelhos, tão depressa imberbes como barbados, dignos ou burlescos, conforme o que a peça ordena? pois dá-se com o seu espirito o mesmo que acontece com o seu semblante, estão habituados a receber as idéas dos outros e decoral-as, o que necessariamente prejudica a inspiração poetica: a téla não é que pinta, é o pintor!

Considera-se o galan o papel mais sublime, e d'ahi provém haver tal falta d'elles, apesar de tantos pretenderem sel-o. É o vulto sympathico, o galan, é o favorito das damas, é o artista querido do publico! Quando se falla de Tasso, é como citar um empresario de paixões, um sicario de Cupido; os corações estremecem. Nem é difficil de explicar, a grata impressão que este genero de actores desperta nos animos: são sempre bons moços; victimas do capricho de um pae avaro, que recusa a filha para se esquivar ao dote, ou que por influencia de preconceitos, receia empalidecer o brilho do seu nome aceitando por genro algum proletario bem fallante, os galans vivem em continuas afflicções em cinco actos, ora inspirando ás platéas o sentimento da piedade por meio de monologos sentimentaes, ora enternecendo os camarotes por occasião dos impreteriveis dialogos lamuriosos com a «ingenua» que convém ser um de despedida, no fim do primeiro acto, ao partir para a guerra, para a Universidade, ou para algures onde se ganhe gloria, e outro quando menos se espera, alli pelo quarto ou quinto acto, justamente na occasião em que a familia da noiva já estaav para dispor d'ella em beneficio de segundo.

D'elles é sempre a ultima phrase da peça; se não entóam *Ó fellicitá!* como no côro final das operas, exprimem este pensamento por qualquer variante que torne bem notorio ao publico que o galan convertido em marido, o que equivale a dizer convertido em «centro» — porque os maridos são sempre centros, excepto nas farças em que são... *graciosos* — vae gosar no futuro todas as delicias da felicidade terrestre, de que Anna Radcliffe e o sr. Ferrea Aragão, em suas edificativas novellas, faziam a synopse n'esta phrase «casaram, e tiveram muitos filhos!»

Ao galan se incumbem sempre as heroicidades dramaticas. Se houver incendio, é elle quem salva a dama, e o pae da dama e a familia da dama!

Se a desgraça vem poisar no lar em que a donzella passa seus dias, e a miseria se affigura proxima, o galan, embora não tenha onde cair morto, logo trata de arranjar fortuna, voltando rico em breve, casando com a menina, e pagando aos credores do pae!

Se os cavallos, que conduzem a carroagem em que vae a joven, tomam o freio nos dentes e ameaçam ruina total á menina e á traquitana, quem é que atira consigo á frente da parelha e faz o milagre de suspender-lhe o curso? O galan; por força; o galan!

Nos primeiros dois actos da peça, dizem todos mal d'elle, para o seu triumpho ser mais completo na scena da reconciliação paterna, que é o *rondó* das comedias; uns consideram-o pobre, outros altivo, algum descobre nodoa no seu nascimento, este affiança que elle é jogador, e aquelle rouba qualquer coisa e accusa-o de ladrão!

Contra este homem conspiram-se todos os elementos, que possam concorrer para a destruição de uma creatura; mas tão subido é seu valor, tão discretos seus instinctos, que vae tratando de restabelecer o seu credito até que se justifica com a maior clareza, confundindo a calumnia, perdoando ao calumniador, e exultando no regaço da victoria!

Todos o amam, todos o applaudem e lhe desejam o que mais fôr para bem. Elle é sempre o pagem, o principe, o poeta, o filho segundo, o infeliz, o martyr, o sympathico. A todos interessa, a todos commove! Applausos com as mãos na platéa; applausos de nariz, nos camarotes: palmas e pranto! Vejam, por exemplo, o que aconteceu n'uma recita do *Cego*. Lembra-se ainda d'esse melodrama, que fez durante uns mezes a fortuna do theatro normal? Era a historia de uma familia dispersa pelo mundo, que, para jubilo da moral, se encontrava reunida no quinto acto, o que promovia um diluvio de reconhecimentos: os paes abraçavam seus filhos, os irmãos gritavam pelas irmãs, os tios pelas tias, e só causava estranheza não apparecerem os visinhos a inquirir a causa de semelhante algazarra. Tasso era o protagonista, Tasso era o heroe, Tasso era o cego. Todas as fatalidades, que ao ente humano podem succeder sobre a terra, agrupavam-se n'este drama em redór de um infeliz caixeiro, oppresso por toda a qualidade de precaução. Era roubado, tinha fogo em casa, e cegava de repente. A moral n'esta composição pantafassuda, tão depressa estava pelos pés como pela cabeça: o pae nobre reservava até ao quinto acto o bom conceito em que tinha a esposa, que já Deus levára para si, e, como andasse de quesilia com um filho que lhe sahira traquina, erguia as mãos ao céo ao encontrar uma carta da mulher, escripta a outro homem, dizendo-lhe que o filho era d'elle: «Oh! felicidade! exclamava pouco mais ou menos este pae nobre, o meu filgo é filho doutro! minha esposa atrai-

çou-me, cobriu-me de opprobrio e de ridiculo! Parabens, parabens, não sou o pae de meu filho!» E então, — prestigio sollemne do absurdo, que até na moral se faz applaudir! — o publico estrebuchava de commoção. Tasso era um desgraçado sublime! N'um dos lances mais dramaticos, uma mulher, que estava na varanda vendo o spectaculo, e que chorava como perdida, recebendo todas as sensações por que passava o *Cego*, exclama, alta voz, entre soluços:

— Abençoado seja o pão, que aquelle homem ganha!

Se fazem gosto em que os informe da carreira d'este artista desde os seus primeiros passos, temos de ir encontral-o orfão aos cinco annos, destinado a caminhar na vida sem o auxilio dos conselhos e indicações de um pae. Os inglezes formam boa opinião das desgraças que accommettem o homem no principio da sua existencia, e confiam que o futuro indemnizará pela fortuna os revezes dos primeiros tempos; li algures que as creanças felizes vem a ser creaturas desgraçadas; o exemplo de Joaquim José Tasso favorece esta conjectura, porque devendo ao trabalho o glorioso futuro que o seu talento lhe alcançou, poudes ver a sorte desmentir os maus augurios que de certo havia formado a pobre creança sem pae!

Além dos estudos preparatorios, cursou a escola de desenho, e a academia de marinha: indica esta direcção d'estudos não haver sido para o theatro que a sua familia o destinava; os seus parentes chegaram até a repelir-lhe todas as ambições pela vida artistica, e não foi d'elles a culpa, se, ainda nos tempos de estudante, o moço trocou por mais de uma vez as lições das aulas pelas lições de declamação, e, fugindo dos bancos escolares, foi ás escondidas ouvir Emilio Doux! Era d'essas vocações irresistiveis, que são talvez as unicas verdadeiras; não podia prestar para mais nada; as suas faculdades agruparam-se todas n'um exaltado culto pela scena, e a sua alma incendiando-se na paixão pela arte só presentia como gloria os triumphos prestigiosos do palco. Foi para o theatro; nem eu nem elle mesmo sabemos como: são coisas que acontecem por si mesmas: foi acaso: o povo diz — tinha de ser! Já um actor celebre, oppondo-se sempre a que o filho subisse ao tablado, cançou-se uma vez de repellir aquella vocação inflexivel, e disse-lhe:

— «Vae para o diabo!

O filho respondeu:

— Pois vou!

E fez-se actor.

Tasso não tinha sequer a vontade paterna para reprimir a teima da sua ambição; um dia vendeu uma arithmetica para comprar um bilhete de theatro, e succedeu a esta imprudencia pela arte como ao primeiro beijo das namoradas, — a tentação cresceu.

Consta ter sido Jaquelina de Baviera a primeira peça em que o nosso actor appareceu, incumbido de um papel, que, comquanto de pequenas proporções, lhe ganhou sympathia. Consultando o *Archivo Theatral*, publicação antiga de dramas e comedias, encontro em todo o repertorio de 1839 e 1840 o seu nome, representando nas distribuições papeis extremamente insignificantes. Chega a ser curioso observar, como foi que Theodorico e Tasso principiaram incumbidos de um certo numero de papeis, que se cifram quasi sempre em dizer:

— Esta carta, que trouxe um homem a cavallo!

Na primeira edição do *Auto de Gil Vicente* de Garrett, vê-se pela distribuição dos papeis que um sr. Farruje, que ainda hoje é o mesmo e vive no theatro normal, levava a melhor n'esse tempo a Theodorico; e, na *Camara ardente*, dramalhão traduzido de Mellesville e Bayard, — dois «*vaudevillistes*» que habituados a fazer rir o publico quizeram uma vez assustal-o, — o sr. Tasso fazia de criado de uma hospedaria, e o seu papel cifrava-se ás seguintes respostas n'uma scena do quadro setimo do drama:

*Desgreais.* Rapaz, depressa os cavallos, a carroagem; toma um luiz para ti!

*Criado.* Vou n'um pulo, nosso amo. (sáe)

Na mesma scena, depois de um breve monologo de Desgreais.

*Desgreais.* (Vendo o rapaz que volta) Então, que fazes ahi? que é dos cavallos?

*Criado.* É que aquelle senhor, que aqui está hospedado, quando se recolheu á sua camara prohibio que se alugassem cavallos.

*Desgreais.* O cavalheiro! Sim! Bem sei. Deviamos partir juntamente depois da ceia, mas partiremos antes. Apressa-te, toma, aqui tens dois luizes de ouro.

*Criado.* Mas...

*Desgreais.* Toma lá mais tres.

*Criado.* Oh! co'a fortuna! Eu vou no mesmo instante, senhor! (sáe)

Eis tudo.

O actor Lisboa representava o papel de Desgreais, e o criado era como dissemos o futuro grande actor!



Entre tanto, como *a quelque chose malheur est bon*, conforme os francezes dizem, a morte de Ventura, actor de um talento ainda hoje recordado pelos que tiveram occasião de o applaudir, deu lugar a Tasso de o substituir immediatamente no papel de Roberto no *Barba-Rouxa* e no de Albino no *Sineiro de S. Paulo*. O triumpho alcançado n'estes dois papeis merece principalmente ser registado pela difficuldade da occasião. O publico estava cheio de saudades de um actor tão predilecto, e só um verdadeiro talento podia vencer nos animos o perigo de uma confrontação, que nem a fama nem a experiencia justificava.

Na execução da parte do galan de uma peça *A Abbadia de Viterbo*, que subiu á scena por occasião do seu primeiro beneficio, a 26 de agosto de 1841, diz-se que Tasso conseguiu de uma fórma eloquente firmar o credito que os dois papeis antecedentes lhe haviam alcançado. D'esta recita se refere uma singularidade curiosa: no calor da declamação e na vehemencia da mimica, o novo actor, entusiasmado, atravessou uma perna com a espada que trazia, continuando apezar d'isso a representar, e testemunhando-lhe o publico por essa occasião todo o interesse que o artista e o acontecimento lhe inspiravam. Na *Pobre das Ruinas*, festejado drama do sr. Mendes Leal, e no *Tributo das cem donzellas*, primeira peça de espectáculo que em Lisboa subiu á scena, teve este artista papeis notaveis de muito applaudido desempenho; todavia a composição em que pareceu mais notavel aos conhecedores dos segredos da arte, foi no drama em cinco actos *Adelina d'Ormilly*.

O leitor conhece de certo o mais bonito, o mais delicado, o mais interessante romance de Eugenio Sue, *Mathilde*: e quem conhece esta encantadora novella não póde ter esquecido um certo mulato que joga muito na acção do romance, homem atterradoramente rico e de uma fealdade satanica, vicioso elegante e fatal, que desconhece os laços da amizade e os do amor, para quem a vida é uma loteria, e que não vê na mulher a felicidade de um destino, mas o prazer de uma hora, a satisfação instantanea de um desejo. Esse tyranno de carapinha, que é um galan apesar d'ella, foi o papel de Tasso. Ha um monologo na peça, em que elle tem de dizer entre si no meio de um baile: «É para mim que estas mulheres se enfeitam, estas flores desabrocham, e estes cristaes refulgem!» Tasso foi excellente de sarcasmo, de ironia pungente em todo esse trecho, que rematava por esta singular phrase em referencia aos brancos: — «Quiz-lhe os cabellos, venderam-m'os: se lhes quizesse a

pelle, vender-m'a-hiam tambem :» Esse desprezo pela raça que havia cedido tudo ao oiro do mulato, levava-o á saciedade: em que affectos podia elle acreditar, se os havia comprado todos, e a amizade dos homens se lhe tinha vendido, mais a posse das mulheres! Entregavam-se-lhe sem o amarem, é certo; mas tinha elle proprio por ventura tempo sequer para o amor! N'aquelle espirito inquieto e doente podia nascer um desejo, mas não um affecto, e elle bem sabia que o amor não se pede. Uma hora chega, todavia, em que áquella alma que vivêra em trevas appareceu um raio de luz: d'onde poderia vir essa luz senão do amor? Do amor nascêra. O mulato sentiu accordar a intelligencia e a alma, ao som da voz de uma mulher. Podia salvar-o similhante amor, se soubêra conserval-o nobre no coração como uma graça de Deus: mas reduziu-o ás porporções de desejo, e apesar d'essa mulher ser a esposa de um seu amigo, tentou alcançal-a. Era esplendida então a maneira por que Tasso fazia sentir a aspiração suprema de uma alma enfastiada de ver curvarem-se todos ao minimo desejo seu: «Se esta me resistisse!» O homem a quem as mulheres de todas as condições se haviam vendido, desejava enfim no momento em que amava pela primeira vez, que essa mulher não fosse como as outras, que fosse difficil, que fosse digna, que fosse honesta! Tasso executou este papel com todo o vigor do seu talento, e alcançou n'elle um dos maiores triumphos que o publico tem concedido a artistas.

Foi essa verdadeiramente a época de suas empresas e conquistas de galan. Estava moço, esbelto, e solteiro, e era o namorado, o amante, o fructo prohibido, em cada recita; já podemos fazer idéa das rixas, malquerenças, ciumes, e prantos por seu respeito. Os galans costumam ser odiados pelas tias, o que denota n'elles o crime de celibatarios por vocação, e astutos fugitivos ao recrutamento do hymineu; que diligencias as actrizes não fariam para o levarem para o bom principio; quantas vezes haviam de dizer-lhe que recusavam por causa d'elle propostas para casamento de diversos, que lhes arrastavam a aza, todos elles dotados de intenções honestas, mas que infelizmente se viam obrigados a esperar pela morte, este do pae, aquelle da mãe, o outro da mulher, tudo parentes apoplecticos, eticos, ou hydropicos, que estavam para pouca dura. Quem sabe lá se ellas lhe mostravam a elle mesmo as cartas com o fim de lhe accender ciumes;—mas, debalde! todo o bom galan tem dentro d'alma seis livros escriptos sobre a arte d'amar, sem contarmos o d'Ovidio; levou por certo este homem feliz uma exis-

tencia de principe de conto da caróchinha, no centro do ruído, raivas, tempestades, injurias e folias da vida de palco, que tem tambem as suas horas de recordações alegres e cordeaes, da boa harmonia, das enchentes, e dos triumphos!

Nenhuma das actrizes d'esse tempo era feia e todas mais ou menos tinham disposições para a arte; os que me estão lendo bem se lembram ainda d'ellas; hoje, gordas, velhas, impossiveis, já não ha fórma de adivinhar em suas pessoas os bellos olhos d'outr'ora, a sedução, o chiste, o ar catita, a cintura de silpho, o pé *cambré*. E depois, com actrizes portuguezas não póde viver-se bem sem lhes fazer a cõrte; são uma especie de pasteis de sentimento; o amor é o seu primeiro guia, assim que podem engatinhar fazendo firmeza nas mãos; aos seis annos já namoram e já fallam d'isso; a actriz é extremosa em tudo: amisade é uma palavra fabulosa, que devemos sem cerimonia substituir por «amor»; uma actriz diz ás vezes a uma companheira que lhe tem «muita amisade», mas isso é unicamente quando quer enganar-a e pregar-lhe alguma peça. A differença dos nossos theatros aos do estrangeiro é que por cá ama-se com decencia, com sinceridade, e sem escandal-o; a venalidade não reside n'estes peitos lusitanos, e não ha exemplo d'estas santas raparigas arruinares viv'alma; apaixonam-se por escolha, discretamente, conforme ao exemplo que receberam de seus paes, se têm d'isso. — «Eu em me casando, largo o theatro!» dizem ellas; depois, casam com a condição de o não deixarem, porque quem viveu feliz no tablado não póde existir fóra d'elle. As portuguezas são sensiveis, e a paixão respira no palco, deita a cabeça pelo buraco do ponto, e sorve-a a gente no fumo da rampa!

N'esse tempo alugavam-se camarotes certos por causa d'elle; uma bateria d'oculos de theatro assestados na sua direcção o acolhia ao apparecer em scena. Contavam-se ao ouvido mil historietas a seu respeito; falsas muitas, algumas verdadeiras; as verdadeiras e as falsas eram precisas para sustentar o seu prestigio de galan. É tão elegante para certos casos, um pouco d'escandalo! Os galans vivem d'isso. Era de uma vez um por quem as mulheres morriam: ia a casa de uma e outra, mas, já se percebe, só depois das ave-marias; uma occasião, deu-lhe na vineta ir de dia, em ar de visita, ver uma fidalga; essa senhora estando com gente, escandalisou-se da sem cerimonia do comico, e perguntou-lhe em tom de despedir hospedes:

— Que procura?

—O meu barrete de dormir, disse elle.

A vida de palco n'esse tempo tinha mais encantos; o theatro era mais frequentado, havia empenhos para ir aos bastidores, e em quanto os maridos fugiam para a scena, os actores iam-lhe fazendo a côrte ás esposas para os camarotes. Tempo alegre! As conversações do Caes de Sodrê,—pequenas salas ao fundo do palco, destinadas a fumar e a receber os visitantes—tiveram n'essa época o seu periodo furioso. Os homens de letras accordaram ali o estylo... e o ciume. Os poetas entaramelaram a lingua aos galans. Descrever um caes de sodré de theatro seria tentar obra do folego do *Romance Comico* de Scarron; tudo ali está, tudo se diz ali; o rei, que vem de dentro, pede á *ingenua*, que está de princeza, fazendo meia, á espera do acto seguinte, que lhe accenda um cigarro, visto estar mais perto da luz: a *lacaia* escuta enternecida uma declaração amorosa do pae nobre, a *tragica* toma uma pitada, e o *tyranno* refere suas penas ao *gracioso*, que lhe dá uma lagrima! Em redor d'isto, os homens de letras, espalham os seus chistes e as suas apreciações.

É por esse tempo, que um sublime talento, descendo ao graço, disfarça a magoa da ausencia escrevendo de bem longe aos artistas, uma encantadora carta em verso, de que algumas estrophes completam este esboço:

Parece-me ainda assistir  
 Às nossas sessões famosas.  
 Onde se vão discutir  
 Cem materias espinhosas  
 E termina tudo a rir;

Quando o Tasso por magano  
 Nos arruma quatro petas,  
 E o Vianna todo ufano  
 Mente mais que dez gazetas  
 Escrevendo todo um anno;

Quando o Sargedas zangado  
 Questionando nas finanças  
 Vé, maldizendo o tablado,  
 Irem-se as suas esp'ranças,  
 N'algun drama pateado;

Quando o Theodorico ensina  
 Certos contos ás pequenas,  
 Quando Epifanio combina,  
 A sorrir, do palco as scenas,  
 Scismando em scena mais fina;

Quando o F..... surrateiro  
 Franze a bôca, alça o chapéu,  
 E, todo cumprimenteiro,  
 Inda os bons dias não deu  
 Disse um epigramma inteiro;

Quando o R..... de pé,  
 Defendendo conclusões,  
 Sóca o ventre, fuma, e cré  
 Resolver altas questões  
 No nosso caes de sodré.

Em todo esse periodo de descuidosa alegria as prendas artisticas de Tasso deviam exclusivamente tudo á natureza, e o seu talento parecia preocupar-se pouco de se ennobrecer pelo estudo. Os papeis eram, de ordinario, mal sabidos, e revelava-se a cada momento o actor que decorára de leve e que não estava senhor da peça. Sahia-lhe a phrase incerta, convulsa, e de um andamento caprichoso, conforme o auxilio que lhe prestava o ponto. Foi o tempo de rapaz, o tempo da vida airada, o tempo de galan que não o era só no palco! Todavia, o actor um momento descuidoso do futuro tornou-se em artista de consciencia, estudando incessantemente, engrandecendo a sua reputação, e ganhando com justiça a estima da imprensa e das platéas; na hora em que o futuro sorria áquella juvenil vocação a despontar, as suaves distracções da mocidade perturbaram os vóos de um talento que o prazer quiz chamar para si; mas sentiu a tempo quanta ingratição havia para com os seus proprios dotes, deixando correr descórada uma reputação, que devia pedir ao trabalho o logar distincto a que a natureza a encaminhava. Que poema de dedicacção, desde essa época! Que heroismos de paciencia, d'estudo, de nobillissima ambição artistica! que encargos á memoria! que incessante creacção de typos! que averiguar continuo! que continuo inventar! Veja-se o seu reportorio, o dos melhoes papeis, o mais conhecido, o mais festejado, reportorio importante e variado a não ser mais:

1841 Proezas de Richelieu, comedia—O Alfageme de Santarem, drama—A abbadia de Viterbo, drama.

1843 A pobre das ruinas, drama—O tributo das cem donzellas, drama.

1846 O Magriço, drama.

1847 Latude, ou trinta e cinco annos de captiveiro, drama—O Habito não faz o monge, comedia.

1848 Os dois seminaristas, comedia.

1849 Os mysterios de Paris, drama—O templo de Salomão, drama.

1850 O herdeiro do Czar, drama—O Duende, comedia.

1851 O operario, drama—Se Deus quizer, comedia.

1852 A prophacia, drama.

1853 Anjo e demonio, drama—Raphael, drama—Mária Stuard, drama.

1854 Odio de raça, drama—O homem de ouro, drama—A honra de uma familia, drama—A dama das camélias, comedia drama.

1855 A consciencia, drama—As mulheres de marmore, drama—O cão e o gato, comedia—Dalila, drama—Adriana Lecouvreur, comedia drama.

1856 Um casamento e um despacho, comedia—Como se sobe ao poder, comedia—Mocidade de D. João v, comedia drama—O cedro vermelho, drama.

1857 O caminho mais longo, drama—O anjo da reconciliação, comedia—A escalla social, comedia drama—Melodrama dos melodramas, comedia.

1858 As obras de Horacio, comedia—Livro negro, drama—Os homens serios, comedia drama—A caridade na sombra, drama—O cego, drama—Cezar ou João Fernandes, comedia.

1859 Flores e fructos, comedia—O luxo, comedia drama—O médico das creanças, drama.

1860 Judith, tragedia—Dito e feito, comedia.

1861 Um anno em quinze minutos, comedia.

1862 A vingança, drama—Os homens do mar, comedia drama.

1863 O jogo, drama—A sociedade elegante, comedia—A penitencia, drama—Daniel Lambert, drama.

Actor de todas as peças, actor de todos os papeis, actor de todas as noites, tem-o visto em generos os mais descontraídos. Tem-se hesitado em resolver qual seja a indole mais natural de sua vocação: ao vel-o tão desembaraçado e gracioso nos papeis comicos, divertindo sem armar á gargalhada, e con-

servando-se sempre nos limites prescriptos pela boa escola ao genero delicadamente faceto do galan comico nasce o desejo de preferir esta face do seu talento; — mas, na recita immediata, o desenvolto alferes dos *Dois Carabineiros*, o timido educando dos *Seminaristas*, o extravagante sobrinho do Duende apparece-nos tão nobre na *Adriana de Lecouvreur* ou nas *Mulheres de Marmore*, tão admiravel de paixão no *Jogo*, tão original na *Penitencia!* ha tanta luz n'aquelle olhar, tão briosa altivez nos gestos, no seu orgão tanto sentimento, é tão viva, tão seductora d'amor a accentuação, que imprime aos suspiros do affecto e ao grito impetuoso das paixões criminosas; que a opinião da vespera dissipa-se, e logo se esquece o galan comico como se apenas fosse o gracejo de um talento, que n'aquella hora se está admirando em sua verdadeira phisionomia.

Educado na escola litteraria de Mendes Leal, que nunca prescindiu do estylo no theatro, costumou-se Tasso a não deturpar a phrase e a não alterar pelo descuido da recitação os segredos, bellasas, e gallas da fórma. Em peças de escriptores que não cuidam apenas da gloria ephémera de levantar situações atravez de absurdos e peripecias, que nem a logica da acção nem a dos caracteres justificam, tem elle por muitas vezes auxiliado o triumpho das obras. Eis a lista dos auctores que lhe têm confiado os primeiros personagens das suas peças: Almeida Garrett, Mendes Leal, Rebello da Silva, Biester, Palmeirim, Lopes de Mendonça, Antonio de Serpa, D. José d'Almada, Rodrigo Paganino, Gomes d'Amorim, Camillo Castello Branco, Cascaes, etc.

Se alguma circumstancia, além do seu merecimento influe na estima que o publico lhe consagra, é apenas o seu character e as encantadoras qualidades que o recommendam. Simples, jovial, honesto, affavel, coração de criança e juizo de homem de bem. Uma rapida historinha dá a medida da sua boa e ingenua indole: poderia o conto ter por titulo «*De como Tasso se deitou ás Ave Marias.*» Tomem sentido:

Era uma tarde de verão: estava livre de todos os seus que fazeres e havia destinado vingar-se de trinta e tantos dias de palco effectivo por uma tarde e noite *à la bonne aventure*; applicou uma libra á funcção, mettu-a no bolso, e saiu com o proposito de dar um passeio, jogar algumas partidas de bilhar, e deixar-se ir em tudo mais á mercê do deus acaso. Quando chegou ao primeiro quarteirão da rua do Oiro, um homem bem trajado lhe pediu esmola:

— Não póde ser, irmão!

— Para matar a fome á minha familia!

— Irmão, não póde ser! repetiu ainda o Tasso continuando a andar. Tenha paciencia!

Teria andado um quarteirão, quando, á esquina da travessa de Santa Justa parou com ar scismatico e poz-se a recordar a acção que praticára:

— Ó sr. Tasso, dizia elle proprio entre si, que diabo fez você? Uma libra no bolso para gastar em superfluidades, em divertimentos, em tollices, e recusar esmola a um desgraçado que pede pão para a familia! Marche immediatamente a procurar o pobre!

Obedecendo a si mesmo, voltou para traz, e foi na pista do pobresinho; já não estava no mesmo sitio; espalhou o olhar, e não n'ò viu. Sentiu-se entristecer, teve superstições que valiam remorsos, e fugiu para casa, de mau humor e semblante alterado.

A familia perguntou-lhe:

— Que tens tu?

— Nada. Estou constipado!

Ainda deu por ali duas voltas na casa, abriu a janella, fechou-a, tornou-a a abrir, tornou-a a fechar:— ás sete horas metteu-se na cama.

Era em julho!...

Ultimamente, seu genio modesto accordou n'uma ambição d'artista, — ver a arte na patria d'ella, a comedia no paiz da comedia; ir a França! Abriu os olhos o galan, despertou o rapaz, enthusiasmo-se o artista. Foi em companhia de Santos, o espirituoso e juvenil talento da nossa scena moderna. Por occasião de regressarem, improvisei-lhes umas poucas de aventuras. Quem sabe lá se acertei? O mais seguro é referil-as n'esta memoria fidelissima:

Depois de uma excursão de mez e meio em Paris e em Londres a *grande velocidade*, como se diz nos caminhos de ferro, voltaram os dois artistas; vinham exactamente com o mesmo feitio com que tinham ido, um pouco mais queimados, menos alegres talvez, estonteados ligeiramente do que viram, meios dormentes do que estavam vendo, e fallando incessantemente do nosso clima, que é o cavallo de batalha de quem não sabe o que dizer em louvor d'este paiz!

Pelos modos, levaram por lá uma vida de prazeres. Elles dizem que não, mas é tudo pudor. Santos correu de conquista em conquista, *como a borboleta de flór em flór*, (estyló de 1802) almoçando com uma burguesa, jantando com uma *biche*, ceando com uma *lorette*; no estrangeiro téem muita saída as phisio-



nômias como a sua, olho rasgado, cabello crespo, beijo grosso, côr morena,... e hombros largos; os hombros não pertencem bem á phisionomia, mas completam aqui com viva côr o retrato de seu semblante. As parisienses, um pouco enfasiadas do bigode retorcido e pestana curta dos seus compatriotas, não podiam deixar de observar a guedelha satanica d'este meridional da gemma, mais o olhar ardente, a expressão arabe, a sobancelha pesada, o todo carrancudo e bello do amoroso galan; todavia, onde elle produziu um enthusiasmo phosphorente, um fanatismo, como por lá se diz, foi em Inglaterra: as *ladies* perguntavam sensivelmente desmaiadas, o que significava semelhante typo: no theatro, até os banqueiros o examinavam e os porteiros deitavam-lhe o oculo; foi uma vez tirar o retrato a um photographo, e d'ali em diante viu-se grego com o artista, porque o homem tinha tanta venda aos retratos do moço, que o queria escripturar sem embargo do sr. Francisco Palha,... só para lhe tirar retratos. No seu regresso a Paris, deu-se ainda uma aventura, que demonstra o quanto por lá estão valendo os trigueiros: parece que o nosso Santos deixára ficar n'um photographo o retrato que ali tirára, e estivera seis dias sem o ir buscar. O photographo, ao setimo dia, resolveu ir procurar este Pedro do sr. Mendes Leal.

- Meu senhor...
- Viva!
- O senhor é...
- Um galan.
- Um galan? acredito. O meu negocio, todavia não tem referencia alguma á sua posição, e ia dizendo simplesmente que o sr. é...
- Que eu sou?..
- O cavalheiro que ha seis dias foi a minha casa tirar o seu retrato...
- Exactamente.
- E que não voltou!
- E que não voltou, sou eu.
- Muito bem; venho perguntar-lhe apenas...
- Diga lá!
- Se faz empenho no seu retrato?
- Como, se faço empenho?
- Se o estima, se o deseja, se sempre quer ficar com elle?
- E porque não! Tem sido apenas o ter muito que fazer, que me impediu de o ir buscar!
- É que, proseguiu o photographo um tanto embaraçado, al-

guem deseja vivamente compral-o, e offerece por elle um bonito dinheiro.

— Oh! As mulheres! exclamou Santos, desdenhoso e enfatiado. Estou farto de me deixar amar, sr. photographo, é preciso pôr ponto n'isto!

— D'esta vez não é mulher!

— Ah! Não? Então quem....

— É um estalajadeiro!

— Homem! essa agora? Que empenho pôde ter de me possuir um locandeiro honesto, que nem me conhece!

— Deseja-o para pôr na parede, do lado da rua...

— Hein?

— Sim sr., elle é dono da estalagem da *Tête noire*!

— Ah como symbolo! Percebo.

Apesar, todavia, de propostas vantajosissimas, Santos teimou em não ceder o retrato, e a sua ultima phrase ao photographo foi simplesmente esta:

— Sé ao menos fossé uma estalajadeira!

Pelo que respeita a Tasso não bastaria um volume, para conter suas aventuras amorosas no estrangeiro. Os dois galans que costumam levar a vida a fingir que amam, amaram d'esta vez; semelhantes aos pasteleiros que fazem pasteis todos os dias e nunca os comem, chegou um dia em que o appetite veio imperioso; pastelleiros do amor, os galans Tasso e Santos terminaram... por comer o pastel!

Habitudo á escola das paixões perigosas, Tasso que veio em tempos mais agitados que os de hoje, em que o coração não andava em calmaria atravez das peças simples e descoradas da nossa época, não pode esquecer ainda completamente as sensações de um duello em seguida a um rendez-vous, nem dispensar-se, em se querendo divertir, de dar um tiro n'um marido e passar por cima do seu cadaver!... A educação é que faz tudo. É de pequenino que se torce o pepino. Offereçam lá a Tasso um amor sem fatalidade, a ver se elle o quer. Ha de atirar-se á frente de dois cavallos que vão com o freio nos dentes, salvar qualquer senhora que vá na carroagem, não querer nunca ser visita da casa por mais que o instem, de proposito para que a familia estranhe quando lá o surprehender um dia, saltar por uma janella, que deita para um rio, e pela noite adiante voltar de capote, e dizer á dama:

— Queres ser minha? Fugamos!

É um defensor do rapto, e um acolito exaltado das entrevistas por escada de corda. A chronica das salas, indiscreta sem-

pre, fez bulha aqui ha tempo a proposito de um caso que terminára por onde a guerra de Troya principiou, isto é, o roubo de uma Helena do Chiado levada para Caneças por um pastor Páris de botta de polimento. O Chiado, em toda a sua casca doirada, estremeceu de jubilo. Santos deixou-se sorrir, e disse no seu melhor tom ironico:

— Pois ainda se acham n'estes tempos de realismo mulheres tão tontas, que encommendem um rapto ao namorado!

Tasso respondeu-lhe com a dignidade do antigo amor da rua dos Condes, o amor de 1830:

— Deves de preferencia admirar-te, galan d'esta manhã, de ainda nesta época de namorados gordos, (pungente remoque ao collega!) se encontrarem rapazes bastante românticos para se incumbirem da operação!

É tão raro avistar dois artistas verdadeiramente amigos, que estes dois creio que foram saudados no reino amoroso com a sympathia contemplativa, que sabem inspirar ás mulheres. Ia um á sombra do outro, e ellas ficavam ás vezes sem saber decidir-se pela comedia moderna ou pelo drama ultra romântico. Parece que um d'estes Fra Diavolos dos corações teve por lá a phantasia de ser admittido em casa de uma das formosuras da voga; foi o Tasso. Dizia-lhe elle uma noite, no *boudoir*:

— Ha de contar-me se é verdade o que me tem dito de si. Gostou realmente d'aquelle estitico X, que atravessa Paris como uma vareta de chapéu de chuva a andar?

— Monta tão bem a cavallo!

— E o esopo de um tal H\*?

— Tem tão boas carroagens!

— E o romancista V\*?

— Tem tanto estylo!

— E um que não tem nada d'isso, um portuguez que ahi está, e que me dizem que tambem mereceu já as suas boas graças, um tal Santos...

— Ah! E tão seu amigo!

— Foi por isso, então?

— Certamente. É mutio seu amigo!

Tudo isto elles negam. Sube-o eu por cartas confidenciaes d'alguns amaveis espiões parisienses. A dar ouvidos a estes dois Faublas da Lusitania, não fizeram por lá senão ir ao theatro, observar, estudar, correr terras, vér mundo, comprar objectos d'arte, e aprender pela ausencia a amarem ainda mais suas mulheres! Tudo historias, está bem de crer. Levam a astucia a ponto de terem trazido uma quantidade prodigiosa de obje-

ctos proprios para scena, além de muitas curiosidades artisticas, as photographias de toda a gente celebre de theatro, gravuras notaveis, galanterias parisienses, recordações do palacio de cristal, presentes para a familia e para os seus melhores amigos,—em fim, tudo disposto de fórma, que chega a parecer não haverem tido tempo de tratar por lá senão de coisas sérias! Ó disfarce!...

Valle-lhes apenas serem ambos tão bons moços, e haverem armado tão subtilmente o laço a toda a gente de morrer por elles de sympathia, a ponto de ninguem espalhar por cá a historia medonha de seus abusos aventureiros. Que elles, aqui para nós, já deviam ver na graça regia uma especie de aviso á sua juvenil imprudencia: vejam lá se el-rei lhes deu uma caixa de rapé, como é da praxe para com estes heroes de theatro a quem se quer obsequiar! Não teem ainda o feitio proprio para um presente d'essa natureza, é o que isto revela! É sabido o quanto os reis da Europa professam o culto do rapé. Os narizes dos artistas são insaciaveis. Os melhores reis andam sempre com duas ou tres caixas de rapé, de ouro, na algibeira, para se encontrarem algum *maestro* celebre ou algum actor extraordinariamente illustre. Em este paiz podendo alargar os vãos, um dos primeiros passos a dar é estabelecer um ministerio especial das caixas de rapé nacionaes e estrangeiras. Não se sabe bem o motivo da predilecção dos monarchas por esta dadiva, mas suppõe-se que gostam de dar consumo á cultura do tabaco, por ser uma das fontes mais abundantes do orçamento. O que é certo, é que para um actor não ha prazer mais alto do que receber esse presente; Epiphanio, que tinha o habito de Christo, custou-lhe sempre não ter a caixa de rapé; e o sr. Braz Martins, que, no fundo da sua consciencia, não póde de certo soffrer o esturro e o maçaroca, tomou rapé durante muitos annos, como convite á munificencia regia,—e alcançou em fim que o sr. D. Fernando se lembrasse d'elle n'este sentido!

O caso é que, ao chegarem a Lisboa, Tasso e Santos foram saudados com a alegria que inspiram estes dois artistas de talento e de coração. Voltaram encantados, voltaram saudosos, como era de esperar. Quando partiram de Paris quizeram matar-se, e foi Santos o encarregado de comprar duas pistolas, para poderem morrer juntos. Sahiu para as ir buscar, mas pelos modos trouxe só uma.

—Então tu trazes uma pistola só!? disse-lhe Tasso.

—Pois então! Ella é de dois tiros! Cada um tem o seu.

Como esta idéa os fez rir, o riso os desarmou. Resolveram

suicidar-se por outra maneira — voltando para o theatro normal.

Era-me facil, como remate d'este artigo, entoar uma ladainha de louvores ao meu biographado. Tasso possui todas as virtudes de necrologio, e outras que nem os jornaes nem os epitaphios commemoram: é um d'esses raros actores, — raros, disse, ... rarissimos! — que merecem de todo o ponto o nome de artista; a phantasia de um poeta: o caracter de um cavalleiro.

Dizem por ahi que tem quarenta annos. Não ha tal. Tem duas vezes vinte!...

JULIO CEZAR MACHADO.

## A ERMIDA DE CASTROMINO

### XX



spalhou-se logo em Coimbra a extraordinaria novidade do casamento da filha de Manoel de Oliveira com o brasileiro de Cantanhede, e cada qual ajuizou do successo, segundo a amizade ou desaffeição que tinha ao velho negociante.

Parecia aos amigos mui a proposito esta fortuna para segurar o credito da caza, e salva-a de qualquer contratempo. Haviam por nobre a acção de Salvador Lopes que só no animo agradecido podia ter fundamento, e approvavam o consentimento do velho. Agora se vê, accrescentavam estes, que Henrique de Mello nunca teve tenção de casar com D. Anna, pois que foi elle proprio que a poder de diligencia fez com que em um só dia se expedissem todos os papeis.

Era mui diverso o caso no entender dos inimigos. Manoel de Oliveira sacrificára a filha ao socego da sua velhice; Henrique de Mello segurára a restituição das sommas que abonára á caza, e vendêra por ellas a mão de D. Anna. Todos tinham illudido Salvador Lopes,

e abusado do seu completo enfraquecimento, reservando-se de certo os dous jovens namorados outras valiosas compensações d'aquelle extravagante casamento de uma rapariga com um defunto. Ahí está o que é o mundo, concluíam os maldosos. Faz-se tudo para ser rico! Fortes canalhas!

Algumas pessoas advinhavam a historia d'estes acontecimentos, e preparavam-se para irem abraçar Henrique, e dar-lhe os parabens de ter sabido sujeitar o coração a tão estranho sacrificio. Eram poucos estes. É sempre diminuto o numero dos que julgam com justiça, e só depois de conhecerem a fundo o pleito que sentenciavam. Quasi sempre o mundo condemna ou absolve sem examinar o processo nem ouvir os accusados. Por isso não passa em julgado a maior parte das suas sentenças.

Alvaro de Araujo soube do caso na Calçada, e correu a annuncial-o á mana Christina. Chegou á salla, onde a ambiciosa fidalguinha estava bordando, tão esbaforido e aterrado que mal podia falar, e cauzou á donzella momentanea inquietação.

— Que é isso, mano Alvaro? Que aconteceu?

— Que havia de acontecer? respondeu o mancebo apenas lhe foi possivel sentar-se e cobrar alento. Não é a mana capaz de advinhar a noticia que lhe eu trago!

— Alguma brincadeira das suas.

— A brincadeira não está má! Pois saberá que a familia Oliveira deu-a em cheio. Lograram o Salvador de Cantanhede, que está ás portas da morte, e casaram-o com..... com a D. Anna.

— Com a filha de Manoel de Oliveira? volveu Christina deixando escapar dos joelhos para o sobrado a tela em que bordava. O menino está brincando. E Henrique de Mello?

— Henrique de Mello foi quem andou arranjando as dispensas dos proclames. Olha agora se tem pena do pobre Henrique. Recebe o que lhe devem, e não ha de perder o resto. Se lhe parece, escrevalhe a mana a dar-lhe os pezames. Aquillo é passaro bisnau com todos os seus ares de seriedade, honradez e desinteresse.

Christina levantou-se da cadeira baixinha em que estava sentada, caminhou para o irmão, e perguntou-lhe de novo e com visivel agitação, se com effeito era verdadeira aquella noticia, e como tão apressadamente se fizera semelhante negocio que ainda lhe parecia sonho.

— É verdade, sim é verdade. Eu ouvi-o contar ao P.<sup>o</sup> Bernardo que por ordem do prelado os foi receber. Elle devia saber-o. E fez-se depressa porque assim o pedia o caso. Não se realisam senão assim logros como este.

— Isso não é logro, mano Alvaro. Não julgue mal de tudo. Manoel de Oliveira é um bruto, a irmã é uma tonta, Anna é roman-

tica, exaltada e pretenciosa, mas Henrique tem uma nobre alma, e procede sem pensar.

— Se a mana não havia de defender a sua paixão platonica ! Agora ahi o tem livre; engeitado legalmente por D. Anna, e talvez com sua tentação de se desferrar. Mas se cazar com elle, tome o conselho de um parvo— como ás vezes a menina me chama— e leve-o para longe de Coimbra. A companhia de Salvador Lopes pôde ter seus perigos.

— Não tenha má lingua, que se prejudica a si e aos outros. Henrique é um excellente rapaz, e quem cazar com elle ha de ser muito feliz. Mas então diga-me toda essa historia; cazaram, muito bem; mas o primeiro noivo fica na intimidade antiga, retira-se ou que faz?

— Pois ahi é que está o fino da obra. O enfermo não quer senão Henrique ao pé de si. Manoel de Oliveira finge-se pezaroso d'esta alliança, e tambem se entende unicamente com Henrique, e D. Anna calla-se porque os outros fallam por ella. Disse-me o P.<sup>o</sup> Bernardo que Henrique assistira á cerimonia como testemunha, que elle e D. Anna não despregavam os olhos um do outro.

— Isso não pôde ser. Por credito de D. Anna, é necessario que elle se affaste d'aquella que o proprio Oliveira nos disse que lhe destinava para noiva. D. Anna com os seus desembaraços inglezes era muito capaz de viver entre os dous toda a sua vida.....

— Para isso não seria preciso ser de raça ingleza, interrompeu Alvaro. Mesmo entre nós...!

— Não me interrompa, mano, com as suas maldades. Henrique não é homem que acceite posições falsas.

— Então a mana chama a isto posição falsa. Eu nunca a vi tão verdadeira. Ali só anda em falso o parvo de Salvador Lopes. Se nós lá fossemos, assim como quem se faz de novas?

— Ainda o mano os quer ir atormentar mais. Toda a cidade sabe do successo a esta hora, e não ha que fingir ignorancia. E depois *a boda e baptisado nunca vós sem ser convidado*. É proverbio.

— Pois é pena. Eu queria ver a cara de toda aquella gente depois d'esta lança que metteram em Africa.

— Olhe, mano, sabe o que ha de fazer? É callar-se, e não ir lá, se elles cá não mandarem.

— Pois nem saber do enfermo?

— Nem isso. Deixe o negocio ao meu cuidado, replicou D. Christina voltando ao esquecido bordado. No fim de tudo que nos importa a nós a vida alheia? caze cada qual com quem melhor lhe parecer.

— Ah! Temos jogo encoberto. A mana agora deu em diplomatica.

D. Christina já não ouviu estas ultimas palavras do seu querido irmão. Desde que pegára no bordado, caíra em profunda meditação



mal encoberta com o movimento da agulha, na verdade nervosamente rapido. Este inesperado casamento libertava Henrique de Mello, cujo coração a irmã de Alvaro de Araujo pretendêra disputar a D. Anna, mesmo no caso em que se realisasse o consorcio projectado. Agora poderia por ventura obter com o affecto d'elle a mão a que os acontecimentos extraordinarios d'aquelle dia deram liberdade inteira.

N'isto meditava o pensamento ambicioso e sagaz de D. Christina. Mais recatada do que Alvaro, mas egualmente maliciosa, conciliadora e quasi timida nas expressões, porém resolidamente audaz nos pensamentos, e tão desprovida de escrupulos moraes como acutelada em manifestar ao proprio irmão esta feição do seu character, D. Christina empenhava-se com todo o seu talento — que não era mediocre — em aproveitar as eventualidades provenientes do successo referido pelo irmão.

Deixemol-a entregue ás combinações interesseiras e vaidosas do seu espirito, e voltemos para junto de outras pessoas que de certo merecem ao leitor maior estima e consideração.

## XXI

Conservou Salvador Lopes durante a cerimonia do casamento, e enquanto não esteve approved e cerrado o testamento, grande lucidez de faculdades, inabalavel serenidade de espirito, e vigor phisico muito superior ao que o seu estado de saude lhe poderia consentir, porém apenas foram saindo do quarto as pessoas, que o dever religioso ou o serviço publico ali chamára, caiu em prolongada syncope, que exigiu duas conferencias dos principaes professores da faculdade de medicina.

Em ambas se decidiu, como na primeira, depois de repetidas auscultações que os symptomas cardiopathologicos eram terriveis, e a morte inevitavel e proxima, porém na ultima junta, e sob varios indicios designados por Henrique de Mello, inclinaram-se alguns doutores á possibilidade de um restabelecimento que alongando o dia da catastrophe, não poderia comtudo impedir que viesse dentro de poucos mezes.

Illudiram-se os doutores da sciencia. Seguiu-se á temerosa syncope um somno mui duradoiro e tranquillo; depois já o enfermo respirava com maior facilidade; desapareceu a inchação das pernas, das mãos e dos braços; e ao cabo de tres mezes de padecimento, Salvador Lopes convalesceu tão desassombradamente que a muitos parecia escorreito e são, e elle proprio se dava por muito melhor do que de antes.

Attribuia este milagroso restabelecimento a um remedio que por

suas mãos lhe preparára Henrique de Mello, e aos cuidados extremos da sua joven esposa. Ambos lhe tinham assistido com extremado carinho. D. Anna como Penelope houvera cuidado Ulysses. Elle como Pylades teria sido com o desventuroso Orestes. Regosijava-se Salvador Lopes de o repetir a cada hora durante a convalescença, quando em derredor da sua cadeira de braços, se reunia a familia inteira a fazer-lhe companhia de tarde e nos serões. Muitas vezes lhes tomou as mãos para beijal-as, a ambos, como na hora em que lhes pedira o sacrificio do coração á tranquillidade do velho. Deyo-lhes a vida, meus filhos, ajuntava elle com os olhos humedecidos, devo-lhes mais alguns dias de vida para lhes querer muito e para os abençoar.

Não conseguí nunca D. Christina, nem o irmão, entrarem no quarto do enfermo, e assistirem aos affectuosos serões de familia com que mais depressa ia progredindo o restabelecimento. Receava Salvador alguma impertinencia de Alvaro; Henrique teria motivos para não desejar aproximar-se de Christina; e D. Anna quaesquer que fossem os seus sentimentos, não desamparava o honroso logar de esposa ao lado de Salvador Lopes.

Cabia ao velho Oliveira e á irmã receberem aquellas importunas visitas, e illudirem ou satisfazerem a curiosidade quasi sempre affrontosa de Alvaro de Araujo e de sua esbelta irmã. Oppunha Manoel de Oliveira a sua paciencia e bondade ás disfarçadas insolencias do rapaz. Era menos soffrida a tia de D. Anna, e muitas vezes respondeu com ajustados desforços ás gracinhas do mano Christino, como já lhe chamavam por alcunha na cidade. D. Christina fazia sempre de anjo de paz, reprimindo as demasias do irmão, e dando rasão aos velhos.

Vingava-se Alvaro á saida d'estas visitas exprobando á irmã a inutilidade dos seus planos, e insinuando aos seus conhecidos por meias palavras mil interpretações desfavoraveis ácerca da reclusão permanente dos tres esposos, como elle lhes chamava. Tratava-o de parvo a astuta irmã, e o publico sempre attencioso para com as damas, não ousava desdizer de opinião tão competente, porém as vozes de Alvaro iam produzindo effeito, e muitas pessoas sizudas principiavam a murmurar d'aquelle trio conjugal. Tambem murmuram as pessoas sizudas, e n'ellas influe frequentemente o parecer dos parvos, como se fosse opinião auctorizada.

Sabia-o Henrique de Mello, e já meditára nos meios de impor silencio ao mundo. Previra-o muito antecipadamente e com determinada indifferença o proprio Salvador Lopes, resolvido a cumprir os seus deveres de gratidão com a escriptulosa consciencia de moribundo. Só D. Anna ignorava estas desaforadas maledicencias, porque a

innata pureza da sua alma não podia adivinhar a minima suspeita. Obedecia submissa ao dever de filha e de esposa. Cuidava que todos faziam outro tanto, e nem suspeitava d'elles, nem se lembrava de que alguém avaliasse injustamente a sua mais nobre acção. Amava Henrique com a innocente candura com que o amára sempre. Era-lhe agora consolação das tristezas de cada dia. Transformára-se de noivo em irmão, em amigo, em director moral, e a grandeza do sacrificio a que elle se resignára por amor, elevára-o no seu conceito á sublimidade dos heroes.

D. Anna não occultava estes sentimentos. Unia-se ao marido para admirarem o nobre character de Henrique, e não imaginava que houvesse mulher tão desabridamente egoista que nas suas circumstancias pretendesse anniquillar, cedendo a paixões baixas, toda a poesia de um nobilissimo proceder.

Muitas vezes lhe lembrava a desventura da sua sorte que a condemnava a ser esposa sem marido, e donzella sem liberdade, mas a propria sensibilidade da sua nobre alma sabia afastal-a d'estas cogitações ingratas, e recordar-lhe quão digna de si e dos outros lhe cumpria ser para corresponder á dedicação de Salvador e de Henrique. Era outra affectuosa consolação ter conquistado para sempre a tranquillidade dos ultimos dias de seu pae, e ver que n'este caso desventuroso Henrique e Salvador sem serem filhos a egualavam na piedade filial.

Acudiam-lhe estes pensamentos, mas passavam com rapidez. Eram-lhe distracções forçadas a molestia de Salvador, e os cuidados a que obrigava o seu penoso padecer. Continuára junto do enfermo a convivencia com Henrique, e não viera ainda a ausencia revelar áquelle innocente coração a amargura inteira da sua desconsolada existencia, e desenvolver-lhe tempestuosamente o affecto com a desappareição do homem que tanto amava.

É singular condição do amor, não só alimentar-se com a presença do objecto amado, mas tambem pagar-se e satisfazer-se unicamente de o ver e admirar. Com a ausencia como que se torna faminto, inquieto e desvairado, e não ha rasão que o tranquillise, nem reflexão que o modere. Aquelles que pela ausencia se deram por curados de amor, coitados! nunca tinham amado.

Vivia Henrique embevecido em sentimentós eguaes, desprecato contra os perigos da convivencia continuada, e da identidade absoluta de pensamentos, e vendo com anticipado receio aproximar-se a hora de uma separação de que lhe estavam indicando a necessidade as vozes da consciencia.

Conhecia Salvador Lopes a gravidade da molestia que padecia, e quasi se accusava de viver para tormento d'aquelles a quem mais

devia e que mais amava. Queria que nunca mais o deixassem, que não interrompessem as innocentes relações que elle viera quebrar apparentemente para beneficio de todos, que as conservassem na primitiva pureza como pedia a dignidade propria e alheia, e que D. Anna o não podesse accusar de desleal por qualquer pretensão que não fosse a de juntar ao de Oliveira o appellido de Lopes.

N'isto meditava com affinco, apurando na mente extremos de delicadeza para levar ao cabo os seus generosos intentos, e venerando n'aquelles dois jovens a santidade das intenções e a suave resignação dos martyres.

Não vivia muito contente nem muito triste o bom velho Manoel de Oliveira. Nos primeiros dias accusava-se de não ter tido o valor de ser pobre, e de ter consentido no sacrificio da filha. Depois chegava a acreditar pelas apparencias que todos eram felizes, e como ninguem lhe fallava em letras a pagar, em possibilidade de fallencia ou no dinheiro da Misericordia, nem perdera qualquer das commodidades que o cercavam anteriormente, dava tudo por bem feito, e passava os dias a pagar em caricias a todos o bem que de todos tinha recebido. Tambem a idade, e as angustias que lhe causara a situação da casa, tinham-lhe quebrantado o animo, e diminuido muito a intensidade das sensações.

Á irmã de Manoel de Oliveira não lembrava nenhuma d'estas coisas. Continuava a apreciar a pericia dos cosinheiros; regosijava-se de saber que seu irmão podia comprar mais quintas a Alvaro de Araujo, se elle as quizesse vender; proseguia na repetida leitura da *Mocidade enganada e desenganada*, que citava a cada instante, e quando Manoel de Oliveira lamentava a sós com ella não ter vingado o seu projecto primitivo de casar D. Anna com Henrique, respondia que tanto geito lhe fazia a ella chamar sobrinho ao outro, como a Salvador Lopes.

Por este tempo, e quando o marido de D. Anna principiava a poder sair, recebeu Henrique de Mello uma carta do seu procurador de Agueda, chamando-o alli por estar D. Barbara Coutinho em perigo de vida. A mãe de Henrique fôra passar algum tempo á quinta do filho, por conselho dos medicos; e em vez de melhorar peorára tão gravemente que não podéra escrever-lhe.

N'esse mesmo dia partiu Henrique para Agueda promettendo voltar logo que D. Barbara estivesse melhor.

## VISÕES!

## (N'UM BAILE)

Resplende o baile; em turbilhão fremente  
doideja a valsa, que no giro ardente  
às rubras rosas faz a côr perder,  
que impõe na fronte da mulher mais bella,  
em vez da murcha virginal capella,  
a scintillante c'rôa do prazer!

Longe do turbilhão, que inunda a sala,  
oiço intima voz, que meiga falla  
de ti meu anjo, do meu louco ardor;  
abrigo no meu peito, como em ninho,  
que inflora a terna mãe ao passarinho,  
a casta rola do meu puro amor.

E gira, gira a valsa inebriante  
e no seu volteiar doido incessante  
flores, e illusões arroja ao pó;  
rodeia-me o prazer, a melodia,  
a luz do baile, o aroma, que inebria...  
e n'este ermo ruidoso eu mudo e só!

anjo, que junto a mim candido véla,  
 e as trevas do soffrer transforma em luz!  
 Puro archanjo d'amor vivido esplende  
 do mundo no calvario, poisa e estende  
 as azas radiantes sobre a cruz!

No baile a embriaguez, no baile o vão delirio  
 em seios feminis ardente a pullular;  
 e lá no Eden meu floresce o amor, o lyrio  
 que a aragem dos salões cedo fôra murchar.

O amor, que dôce enlevo! e que horas de poesia  
 passadas junto a ti, ouvindo a tua voz!  
 Oh! só pensando em tal minha alma se extasia.  
 Na sala gira a valsa em turbilhão veloz!

O genio do baile que passe arrastando  
 mulheres e flores nas pregas do véo;  
 porém não arrasta o mystico bando  
 das brancas pombinhas, que adejam no céo!

As horas d'enlevo, de amor, de carinho  
 consolam-me sempre, deleitam-me a mim;  
 são castas pombinhas que arrulham mansinho  
 agora em minha alma delicias sem fim!

No giro da valsa, do baile aos fulgores,  
 desfolham-se e morrem do amor illusões!  
 Não teem esse incanto dos nossos amores!  
 Oh! vinde, affagai-me celestes visões!

Lembras-te? Era em Abril; a mão mirrada  
da pallida doença  
desbotara-te a côr fresca e rosada,  
nes olhos affrouxára a luz intensa  
a radiante luz, que me illumina,  
e doira o meu viver triste, inclemente;  
como o sol, que desponta no Oriente  
doira a pallida rosa da campina!

Era na hora saudosa do crepuseulo,  
hora que exhala o mystico perfume  
do languido scismar!  
Gorgeia o rouxinol meigo queixume,  
e o sol apaga ao longe o facho rubido  
nas verdes ondas do raivoso mar!

E a lua, despontando no horisonte,  
vinha inundar-te a fronte  
com o pallido clarão;  
a luminosa perola fulgia  
no firmamento azul, e no teu rosto  
de subito imprimia,  
junto c'o as vagas sombras do sol posto,  
a suavissima expressão  
da funda melancholia!

Quando tu despontavas radiante  
no florido jardim  
alegravam-se as flores, mais brilhante  
a rosa resplendia,  
e mais suave aroma rescendia  
para offertar-l'o o candido jasmim.

Porém n'aquella tarde, ao vêr-te pallida  
longe o sorrir dos labios de romã,  
diziam entre si as flores timidas;  
«Não vês como vem triste a nossa irmã?

«Triste quando no prado a flor veceja,  
quando á esplendida luz d'um céo purissimo  
a doida mariposa se espaneja,  
e revôa inconstante  
da donosa camelia

para o alvo jasmim puro e fragrante!»

Tu, como fria estatua  
d'um tumulto ornamento  
a quem deu vida e alento  
fatal evocação,  
assim andavas languida  
sem côr nas faces frias  
«Oh! prostre-me, dizias,  
da morte o furacão!»

«Morrer?! dizia a flor, nas noites limpidas  
de Maio festival  
é tudo vida, amor, cantos, murmurios  
na selva e no rosal!

Cinge a terra gentil florea grinalda.  
É cada verde folha uma esmeralda  
que orna a fronte da noiva virginal,  
da noiva toda aromas, toda incanto,  
involta do luar no argenteo manto  
como em véo nupcial!

«E queres morrer agora,  
quando em ti a mocidade  
é como esplendida aurora  
que o teu futuro risonho  
banha d'immense fulgor,  
quando é tudo, tudo esp'rança,  
queres ter o véo tristonho  
só da lugubre saudade,  
e já tua alma se cança  
d'este mundo seductor?

«Abre tua alma aos magicos effluvios  
da risonha estação;  
do triste coração nas cordas intimas  
acorde vibre a esplendida canção,  
que entoas a terra inteira  
nas noites do ameno Abril,  
que o rouxinol poisado na balseira  
diz á rosa gentil,  
que na lyra sublime da floresta  
a brisa faz vibrar,



que é o solemne cantico da festa  
de sublime belleza,  
em que o genio, que anima a natureza,  
sente o instincto crescer do immenso amar.»

Brincava-te um sorriso á flor dos labios,  
sorriso que revela muitas lagrimas  
nos olhos pela dôr em fim pisados,  
sorriso, que dôe mais que o proprio pranto  
a quem o vê nos labios descorados  
da donzella gentil, que soffre tanto!

Escutavas sorrindo tristemente  
o murmurio ineffavel e sublime,  
que se elevava tenue dos rosaes.  
«Oh! não, dizias tu em voz plangente,  
Oh! não resisto, não! sou como o vime,  
quero docil curvar-me aos vendavaes!  
Venha embora o tufão da morte, arraste-me  
ás ignotas soidões da eternidade  
que eu não sei resistir-lhe; ingula o tumulto  
os sonhos que inebriam n'esta idade  
todos os corações.

Hoje que á luz do amor eu cntrevia  
um mundo, que doirava a phantasia  
de mil prestigiosas seducções,  
vem a morte prostrar-me; oh! venha embora,  
vou no céo entre rosas reviver,  
mas (punge-me esta idéa) a quem me adora  
deixo no mundo o eterno padecer!»

E para mim volvendo os olhos humidos  
poisavas no meu collo a fronte pura!  
E emtanto a lua despontando placida  
vinha da face realçar-te a alvura!

O que me importa o baile? Embora os lustres  
derramem luz festiva pelas salas,  
prefiro-lhe essa luz serena e pura,  
que brilha nos teus olhos, quando louco,  
enlevado n'um extasi amoroso,

te aperto em minhas mãos a mão tremente.  
 Embora sobre a turba doidejante  
 lance a orchestra torrentes de harmonia,  
 prefiro-lhe essa musica suave  
 da tua voz a murmurar-me ao ouvido  
 meigas palavras d'amoroso enleio.  
 Oh! desterra esse pallido phantasma  
 que te persegue agora; vem donzella  
 no meu seio poisar a casta fronte.  
 Volte a rosada côr ás faces pallidas.  
 Oh! vem ser minha, que não póde a morte  
 arrancar-te a meus braços: vem tornar-me  
 extasi a vida, um paraíso o mundo!

Lisboa Junho 1862.

M. PINHEIRO CHAGAS.



## UM LIVRO CONIMBRICENSE



oimbra, na primavera, embriaga-se com a fragrancia de seus pomares e jardins; reclinada sobre o monte, esconde os pés n'um estendal de lantejoilas; a sua coroa de torres e palacios projecta-se no firmamento; e as suas brancas vestes de casarias destacam da amenissima verdura das collinas e valles que a rodeam.

É a mais formosa filha de Portugal; enamora o seu aspecto; e o viajante, a quem a sorte impelliu de clima em clima, como nas regiões do espaço o vento impelle a nuvem, sente ao avistal-a um intimo encanto, uma suave admiração.

D'esde aquelle momento, expande-se-lhe no espirito a idéa do bello, e o sopro divino da inspiração vem bafejar-lhe a alma.

Ali para ser poeta basta ser moço, contemplar aquelle delicioso panorama, vagar enamorado nas balsas do Mondego, e deixar que as auras da tarde ou da noite lhe ensinem as harmonias naturaes da criação.

Garrett e Castilho e João de Lemos e Soares de Passos e Thomaz Ribeiro ali beberam o lyrismo de seus versos; ali foram, aquella natureza rica, luxuriosa e alegre, aprender os hymnos que repetem com admiração e encanto todos os amadores das letras portuguezas.

Ali os poetas, que são os escolares, succedem-se, como elles, em fileiras, em cursos, em gerações; depois d'aquella a que pertenceu Thomaz Ribeiro, veio a de João de Deus, de Mattos, de Gama, e de Sarmento.

João de Deus era o mais harmonioso poeta que havia muito cursava as escholas da Universidade. Os seus versos eram suaves como o seu nome. Todos os sabiam de cór. E os poetas da geração a que pertenci, e que lhe succedeu, todos aprenderam com elle.

Depois quasi desapareceu.—A este não o roubou a politica, nem o fóro, nem os negocios positivos da vida; roubou-o a sociedade, esta sociedade desanimadora, onde os insignificantes fingem rir do talento, e onde os talentos se apedrejam uns aos outros.

Para luctar com ella é preciso muita perseverança, muita força d'animo; a lucta passa-se nas trevas e é quasi sempre um segredo. Tenho fé que João de Deus vencerá, que a luz do seu estro o ha de tirar da obscuridade, e o encaminhará para a gloria.

Agora um de seus collegas, um de seus irmãos deu-lhe exemplo de que não deve succumbir na lucta; foi Augusto Sarmento.

Augusto Sarmento, ha tres annos, ao sair da Universidade, publicou uma collecção de poesias. Os versos tinham harmonia e tinham estro; a edição consumiu-se; mas o livro passou despercebido.

Não sei se Augusto Sarmento pensou, n'alguma hora de tristeza, em desanimar. Felizmente não teve occasião para isso. Vivia em Coimbra, e as discussões litterarias e politicas, os jornaes que se debatiam; os livros que surgiam do prelo quasi diariamente, e, sobre tudo, aquella natureza amenissima e fertil formavam em torno d'elle um tal ruido de vida, de força, d'esperança e de fé, que o desanimo e a inercia eram impossiveis: Augusto Sarmento foi coagido a trabalhar; alguns mezes d'estudo e applicação contínua, derám em resultado o romance historico a *Providencia*, que a imprensa applaudiu, e deu um nome ao author.

O romance é hoje a fórmula mais popular da litteratura. Definil-o é difficilimo, senão impossivel; o romance é a vida, o romance é tudo, trata de tudo pelo menos.

Quereis estudar a miseria mais hedionda das classes indigentes; o fausto desvairado, e, não sei se diga, socialmente ultrajante dos modernos Cressos;—quereis conhecer as mais sublimes idéas das sciencias moraes, a historia dos seculos extinctos, as mil contrariedades do coração humano, as cidades principaes do mundo;—quereis rir dos ridiculos da vida, ou chorar com as suas dores;—mas tudo isto facil e rapidamente, sem transpôr o limiar da vossa casa, sem terdes de abandonar os vossos negocios e as pessoas que estimaes? Léde os romances, ahi está tudo, ahi se se falla de tudo.

E assim como na sociedade ha vidas placidas e agitadas, biographias ricas de peripecias, de variados e originaes acontecimentos, e outras intimas, em que os factos externos se passaram naturalmente, e só o coração, o espirito se agitou, soffreu ou gozou, assim o romance é tambem tumultuoso e enleiado nos lances, ou quasi só de sentimento e de uma acção natural e facil. Por isso são optimos livros tanto o *Ivanhoé* e a *Notre Dame*, como o *Werther* e o *Paulo e Virginia*. E ás vezes a acção desenredada e simples, leva vantagem á que o não é: perguntae ao nosso fecundissimo e talentoso Camillo Castello Branco, se não troca o romance *Cousas Espantosas* por aquellas suas paginas suavissimas, de tanta poesia e verdade, as *Estrellas Propicias*.

Mas um só requisito é indispensavel para que uma obra de litteratura seja boa, um só—é que agrade. Quer o entrecho seja grandioso e dramatico, como nos *Miseraveis* ou na *Salammbó*, quer singelissimo como no *Lyrío do Valle* ou na *Fanny*, se agrada, o livro passa de mão em mão, todos o léem, e as multidões applaudem-no.

Deve ser este pois o alvo principal de todo o litterato. E Augusto Sarmiento, o nosso romancista, attingiu-o,—o seu livro agrada.

Nas primeiras paginas, apezar da correnteza do estyllo, o espirito do leitor vai indo receioso, depois a phrase adquire mais sentimento e força, a acção anima-se, o interesseisperla-se,—e a *Providencia* torna-se um bom livro de litteratura, um bello romance e uma estreia excellente.

Ali o dialogo não precisava ter uma risca no principio dos periodos para o distinguir, não precisava d'aquella divisa typographica para se conhecer que é dialogo d'um romance, porque são naturaes as conversações, simples e, quasi sempre, proprias dos caracteres desenhados.

D'estes os principaes mostram-se em bom relevo. Algumas pennas, aliás benevolas e mui cultas, notaram, na imprensa,

exageração no protagonista Fr. Marcos. Mas o romance pãssa-se em 1828; e as ordens monasticas tinham caído, então, em tal relaxamento, eram taes as ambições mesquinhas, e taes os vicios de muitos dos seus membros, que Fr. Marcos não me parece mais do que a energica personalisação do mal violento que imperava no mosteiro. Tambem ainda lá existia a virtude; a unccão das casas religiosas ainda influa n'um ou outro animo; ainda lá possuia o Evangelho alguns verdadeiros interpretes; porém a generalidade, que é o que Sarmento quiz apresentar, vê-se com exactidão na figura hedionda, baixa e repelente de Fr. Marcos.

A acção é agitadissima e cheia de peripecias sanguinolentas, porém a guerra civil incendeia o reino, em todas as cidades o governo intruso levanta um patibulo, por toda a parte se encontra o espião e o assassino; por isso o entrecho, que seria exagerado n'um tempo de paz, é, n'aquella calamitosa era, caracteristico da época.

Pelo lado historico-politico Augusto Sarmento com o seu livro não vem despertar odios; mas, cumprindo a missão de escriptor, esboça com energia e verdade, uma pagina da nossa historia contemporanea.

A *Providencia* pois annuncia a Augusto Sarmento um lugar distincto na litteratura portugueza.

Com isto me alegro e ufano; meu patricio e companheiro d'infancia, depois de dez annos de ausencia, ligámo-nos, ao abraçarmo-nos de novo, com a amisade mais intima. Assim pela sua estreia brilhante o felicito, com a sinceridade e o regozijo d'alma do irmão que applaude o irmão.

BERNARDINO PINHEIRO.

# A LUÍZ XVI

Fils de Saint-Louis, montez au Ciel!

## I

Silêncio! mais um rei descansa agora.

Vi-o descer do throno; — a sua auróra

Sombria foi, bem sei.

Quem lhe escarnece o tumulo? quem ousa?

Silêncio! respeitae o que repousa:

Deixae dormir o rei!

Oh, quem o visse em épocas de gloria

Não pensára que negra, horrenda historia

Seu nome lembraria;

Nem que o sceptro, perdendo o brilho falso,

Ao cair-lhe das mãos, n'um cadafalso

Quebrado rolaria!

Não pensára que o povo, insano um dia,

A quem elle — rei pae — brando sorria

Nas procellas da sorte,

Lhe havia de gritar enfurecido,

Como um romano ao gladiador vencido

Gritava: «á morte! á morte!»

E morreu! Como o alamo frondoso  
 Quando sibilla o vento impetuoso,  
 Co'a fronte em terra deu.  
 Justo — teve na morte um paraizo,  
 Martyr — soltou a vida n'um sorriso,  
 Santo — subiu ao ceo!

Silencio! mais um rei descansa agora.  
 Vi-o descer do throno; — a sua aurora  
 Sombria foi, bem sei.  
 Mas quem lhe ri no tumulo? quem ousa?  
 Silencio! respeitae o-que repousa:  
 Deixae dormir o rei!

## II

Que tropel, que alarida soturna,  
 Que bramido que estruge infernal!  
 É o mar que se quebra na furna?  
 É o vento que ruge no val?

É o povo, é o povo que passa,  
 É o povo a correr de roldão,  
 É o povo que jorra na praça,  
 É o povo?... saudai-o!... mas não!

Quem no peito aquell'ira lhe inflamma?  
 Quem lhe acerra esses punhos febris?  
 Que diz elle? que ruge? que brama?  
 Que tyranno lhe invade o paiz?

É o povo que jorra na praça,  
 É o povo?... saudai-o! mas não!  
 Esse povo quer morte, desgraça,  
 Quebra um sceptro, sorri, — maldição!

Nos mosquetes, nas lanças lhe ondêa  
 Em pedaços um manto fatal:  
 Esse manto que o sangue roxêa  
 Foi talhado em mortalha real!



Livre ondêa, no vento esvoaça,  
Lá o levam, lá vai de roldão;  
É o povo, é o povo que passa,  
É o povo?.. saudai-o!... mas não!

## III

O martyr, o desherdado,  
Vendo a morte, socegado  
Deixava a c'rôa á nação.  
Que era a c'rôa n'essa frente?  
Era um martyrio, era o monte  
Que verga o dôrso ao Titão!

Oh, mas quem, quem poderia  
Medir-lhe a immensa agonia,  
Sentir-lhe o peso da dôr,  
N'aquelle instante supremo  
Em que disse o adeus extremo  
Aos filhos do seu amor!

Apertal-os contra o peito,  
Mas saber que ao pé do leito  
Um patibulo já tem;  
Ouvir da esposa os lamentos,  
Pensar que em breves momentos  
Ninguem lhe chamará mãe!...

Vêl-a triste, abandonada,  
Vêr-lhe a frente ensanguentada  
Sob os pés da multidão!...  
Oh, o povo não sabia  
Que além d'um rei que perdia  
Esmagava um coração!

Cego, ardente, allucinado  
Leva o rei, o desherdado,  
Á morte lá o conduz:  
Ceos! o crime não é novo;  
Foi o povo, o povo, o povo  
Que pregou um Deus na cruz!

## IV

Silencio! mais um rei descansa agora.  
Vi-o descer do throno;—a sua aurora  
Sombria foi, bem sei.  
Quem lhe ri sobre o tumulto? quem ousa?  
Silencio! respeitai o que repousa:  
Deixai dormir o rei!

Julho — 62.

E. A. VIDAL.



# DA NOVELLA

(Ao sr. Antonio Feliciano de Castilho)



legremo-nos; a novella não morreu ainda! É a mesma de outr'ora; ingenua, meiga, triste, martyr do amor, victima do claustro, em luta com a familia, com os interesses, com a sorte, com a vida; de semblante pallido, de sorriso humido de pranto, de olhar sereno e melancholico, como atravessando uma sensação de angustia, que o céo inventasse para ella só; embalada pela poesia, delectando-se pelo perfume das flores, anima-se ás vezes até á esperanza, e recosta-se feliz nos seus sonhos como uma sultana no meio das suas bailadeiras quasi nuas, que por cima da cabeça lhe agitam os leques de ambar e de sandalo, ao passo que encêta um d'esses sonhos acordados, em que o futuro se patenteia povoado de amor e de illusões!

Não sejamos ingratos: nenhum de nós foi creado com as monstruosidades romanticas, em vinte volumes cada conto, que ultimamente invadiram o paiz, e o gosto. As brutaes creações dos Rolante, dos Lugarto, dos Rodin, dos Saffie, dos Jaques Ferrand, e

d'aquelle príncipe que joga o murro nas tavernas, e de cujo nome não quero estar bem certo, não nos chegaram nos annos da adolescencia, vieram em tempos mais adiantados e tiveram apenas por fim desgostar-nos das idealidades, da poesia, dos affectos serenos, da felicidade tranquilla e doce; foi um genero que extraviou o gosto a titulo de encaminhal-o, e que, tornando-se tutor da nossa gloria, lhe deu a morte para a consagrar. Formaram as aventuras e feitos de *Saint Clair das Ilhas ou os Desterrados da Ilha de Barra* as delicias da nossa meninice com o *Solitario*, a *Estrangeira*, o *Cego da Fonte de Santa Catharina*, as obras de madame de Genlis e de madame Cottin, a *Amanda e Oscar*, os mil e um subterraneos de Anna Radcliffe, que creava phantasmas para nos entreter, os pastores e pastoras que a gente encommendava no gabinete de leitura de Bordalo á razão de tres tostões por mez, e, mais que tudo, aquella doce serenidade da novella de amor, sol sem manchas, céo sem nuvens, extasi de felicidade infinita!

Já quero consentir que nos separassemos de Galathea e dos pe-gureiros de Theocrito; tolero mesmo que nos roubassem, de uma vez, essas innocentes obras que citei, visto estarmos pervertidos de mais para ellas; mas ao menos a novella que se lhe seguiu, sem aspirações socialistas, sem diatribes contra a lei, sem defesa do adulterio ou da pena de morte, romances que não pediam mais do que ser lidos, e fazer brotar uma lagrima, uma esperança, um sorriso, uma recordação: o *Amaury* «ou o amor que mata e o amor de que não se morre,» a *Valentine*, a *Graziella*, a *Colomba*, a *Picciola*, esses ao menos, e mais as *Filhas do fogo* de Gérard de Nerval, as historias do capitão Marryat, os contos de Mérimée, o *Melro branco* do poeta das «Noites» e ainda a *Ignez de las Sierras* de Nodier, a *Modeste Mignon* de Balzac, a *Diana e Luiza* de Soulié, a *Genoveva* de Lamartine, oh! digam-me se estes ao menos não deveriam sobreviver nos espiritos ás combinações homericas dos engendrades modernos, que substituiram o *livro* pela «obra em 20 tomos!...»

Os rasgos poeticos, as paixões ideaes, os sacrificios heroicos da abnegação e do amor, ficaram substituidos nas obras de hoje pelas descripções da vida material, pelas observações do realismo e por todo o longo processo da questão de dinheiro, e da circulação dos capitaes. Não se ouve elogiar senão os homens que não fazem phrases, e que não vêem senão as coisas; que não se apaixonam pela lua e pelas estrellas, e não vão scismar como Numa, sentados ao pé da fonte ou no centro dos bosques, na maneira de melhorar a sociedade; que meditam para a multidão no meio d'ella, e não como os pastores de Theocrito sob os velhos bosques da Ar-

cadia. Por ventura cuidam, que por um homem ser susceptivel de se impressionar pelo perfume das flores, pelo canto dos passaros, pela magestade das florestas, pela solemnidade das tempestades, por sonhar ás vezes longe dos vossos ruidos com o murmurio dos riachos na relva, o estremecer do vento nos rosaes, as vibrações longiquas dos sinos da aldeia, que embalam nos céos a oração do pobre, cuidam que não possa esse homem impressionar-se pelo que o accorda em tanta proximidade como as flores, as aves, as florestas, e os concertos rusticos da sua parochia, — pela humanidade? Se o olhar lhe é habil para penetrar as vistas da natureza e os conselhos do Creador, pensam que seja myope ou cego quando se tracta de penetrar os segredos de seus semelhantes, de surprehender as molas que nos governam, os motores que nos impellem, de desdobrar, á medida que a emaranhaes, a nodosa meada dos interesses? Pois se elle sabe com que arte se deduzem os phenomenos mais altos, como se encadeiam, como se cruzam sem se neutralisarem, como se incosculam sem se confundirem, hão de agora pilhal-o desprevenido a descobrir como se succedem os feitos da humanidade, como se coordenam, se repulsam, se attraem e gravitam no tempo como os astros no espaço? Pois se viu na historia, como os costumes fazem nascer as leis, e como essas leis reagindo nos costumes fundam outra era social, que precisa de outras leis, as quaes preparam costumes novos por uma nova legislação, pensam que este homem não terá senão metaphoras ôccas para atirar á balança das vossas discussões? Vede os escriptos politicos de Milton e os discursos de Garrett. Ha palavras que queimam e flammejam, e que só o poeta sabe dizer, que esclarecem mais um assumpto do que uma larga serie de idéas. Dir-se-hiam meteoros de fogo que rasgam as nuvens e atravessam a noite das questões; onde não se vê senão successivamente, elle, synthese encarnada, abraça tudo n'um olhar; e para exprimir o seu golpe de vista, atira-vos uma imagem que resume tudo. É um exemplo glorioso e bello entre nós que Mendes Leal seja ministro por ter sido poeta. Os primeiros poetas foram chamados legisladores, não porque fizessem leis, mas porque as consagravam e lhes davam pela harmonia uma sanctão religiosa e divina!

Onde nos leva este desdem pela chamada litteratura facil, que é a poesia d'este tempo, que foi a dos contos de Alfredo Musset e D. José d'Almada, dos romances de Camillo e de Dumas, das canções de Palmeirim, do *Roberto Valença* de Teixeira Vasconcellos, e d'aquelle encantador livro de Lopes de Mendonça que se chama *Recordações d'Italia*? Esta tendencia a applicar exclusivamente os

talentos novos ao jornalismo e ao parlamento, n'um paiz em que o parlamento e o jornalismo vivem o presente á custa do futuro, não está a querer provar-nos que a politica é a artimanha do momento, e que uma sociedade tão pouco adiantada como a nossa, não poderia dispensar-se por em quanto de ser burlada por mais algum tempo ainda?

Não digaes que é a poesia com as suas luctas e a sua desgraça, que perde os espiritos juvenis atribulando-os pela decepção; a poesia ainda na nossa terra não perdeu ninguem: os Chatterton, os Gilbert, os d'Escousse são lá de fóra, onde as tempestades da vida litteraria se formam por vezes devastadoras: a lyra do Castilho é tão inspirada, tão entusiasta ainda, como na época em que vibrou as primeiras notas do hymno eterno que a sua alma tem entoado á poesia; Bulhão Pato, Palmeirim, Antonio Serpa, Augusto Lima, Pereira da Cunha, souberam ganhar entre duas estrophes o seu terreno e o seu logar; os trovistas de campina, os vates d'oiteiro, e os rimadores de festa d'annos desappareceram no nosso tempo; até se foi com elles o tom macilento e esgroviado, o ar pedante, o todo de pobre diabo, que transparecia atravez da guedelha byroniana dos Lamartine do *Jardim Litterario*; estão para ahi vivos todos, e sadios, e neditos, e empregados: a politica é que não póde ter como a poesia tão tranquilla a consciencia: foi ella, ella é que foi, que perdeu Lopes de Mendonça, como tinha perdido D. João d'Azevedo, como apressou a morte de D. José d'Almada, como emmudeceu João de Lemos, como Deus permita que não suffoque Thomaz Ribeiro. E ha imprudentes que fogem para esse campo maldito para se curarem da poesia, das illusões, da angustia e desesperação; matarem-se para se curarem! dão idéa de quem se escondesse na agua por ter medo de se molhar!

É tempo de dar consideração aos litteratos, sem preferir sempre os graves occiosos de academia aos espiritos activos e empreendedores, que vos distraem e encantam tantas vezes; em quanto o homem fôr o que é hoje, um animal com dupla vida, a do corpo e a da alma, terá appetites que deve igualmente satisfazer, exigencias physicas e exigencias moraes: deixemos portanto as officinas, as padarias da intelligencia, abrirem-se ao lado das nossas; não podereis sempre, figurões da situação, estar a comer; o vosso espirito, ou esse quer que seja, precisa tambem da sua vez; e bem deveis conhecê-lo quando ides ao gremio lêr um artigo litterario, ou quando lêdes em casa um romance; para que esse romance exista é preciso haver tido pae, e, em reconhecimento a esse sujeito que consegue distrair-vos, não é elegante desdenhal-o sob pretexto de que não serve para nada. Os livros de sciencia e os chamados

livros serios, — que são uns com que só se atreve uma paciencia ousada — têm a sua occasião e a sua hora; quando a gente não quer dormir nem ir para a rua, e não tem a quem diga que se enfastia, não é desagradavel encontrar um homem d'espírito na estante dos livros, algum pobre diabo que nos faça esquecer, durante uma hora, da semsaboria que nos pesava duas horas antes!

Tivesse entre nós a mulher maior influencia na familia, e o mercado litterario reconheceria que eram as damas que salvavam a novella; mas na nossa terra mal se atreve uma senhora a pedir um romance a seu paé ou a encommendar-o a seu marido; a familia portugueza lê emprestado: ha lá um ratão de celibatario, homem serodio e instruido, que anda em dia com as publicações recentes, e as parentes, as visinhas, e as familias do seu conhecimento, dizem-lhe simplesmente: — «Quando o sr. fulano acabar de lêr, ha-de fazer favor de nos emprestar essa obra!» O celibatario empresta a obra ás parentes, as parentes emprestam-a ás pessoas de conhecimento, estas emprestam-a ás visinhas, e no fim de um mez tem corrido o livro cento e dezeseite leitores, dos quaes nem um só o comprou.

Não sei eu o porque, mas não possuem os portuguezes o talento inventivo de combinar enredos, phantasiar situações, e dispor os lances românticos de uma dada acção; gosam porém da faculdade de encantarem pelas graças do estylo imaginoso, que enleia e seduz ao ponto de não haver tempo de ponderar-se a simplicidade monotona do assumpto. Apenas Camillo Castello Branco consegue emancipar-se d'este peccado nacional, o que se deve não só ao seu excepcional talento mas á sua vida de excepção, que lhe tem offerecido situações de incessante variedade, em que o elemento dramatico por si mesmo accorda a phantasia e faculta o movimento, a paixão, a côr, que só a realidade nos dá. A philosophia, porém, a observação phisiologicala, a analyse dos costumes, conduzem este romancista para a escola de Balzac e para a maneira de Emilio Souvestre, não lhe consentindo senão nas mais rapidas das suas historias conservar a indole serena e singela das obras cujo unico fim é delectarem o espirito, sem o agitarem pelas revelações muitas vezes cruéis do destino social. Ora, se este auctor não encontra já na sua alma creadora o fogo da paixão ingenua, de que outro poderemos esperar que dê ás donzellas portuguezas uma novella, — uma novella ao menos, que nenhuma se escreveu ainda em Portugal?

O maior numero de escriptores da nova geração, seduzidos por alguns livros nacionaes, justamente considerados modelos de mestres, não teem outro empenho senão fazer obra talhada pelo mesmo

genero, e quebram a originalidade, apagam a inspiração, reduzem o talento á perpetua attitude de cortezia, prescindem do direito de poeta e de homem de imaginação, chamam saber ao plagiato grave, e constituem ponto de honra em não darem um passo para a frente; é uma escola chamada classica, que especula, como em outras eras os governos religiosos, com a humildade do espirito humano: tal como nas vistas de theatro, é a praia que anda e elles ficam quietos. Podiam apresentar-se com fato novo, mas preferem o capote de camellão! Põem-se a velar no adro dos templos velhos, e acham censuravel edificar outros! O resultado é que certos generos de litteratura que pedem estylo leve, estão condemnados a não caminharem entre nós porque o estylo ligeiro não consegue na nossa terra ser considerado, e a mocidade portugueza que se dá ás letras intende que não se póde ser grande escriptor sem se parecer com outros grandes escriptores.

Todas estas considerações me accudiram, quando acabei de ler, um d'estes dias a *Regina* de Lamartine, cuja versão portugueza heide talvez tentar, porque me parece que n'um paiz ao qual não esqueceu traduzir um só dos romances do pessimista Sue ou do marafoneiro Dumas filho, e em que as edições se têm esgotado por fórma que muitas estão sendo reimpressas a esta hora, será util ou antes será bonito, traduzir a novella apaixonada e commovente que tem aquelle titulo, e que recorda a litteratura ingenua pelo fundo, ao passo que vence a litteratura d'este tempo pelo estylo. Os livros de imaginação tem uma influencia enorme sobre a moral, que faz a vida das sociedades. Quem não tem sentido em horas de tristeza, exhalar-se de um livro entreaberto uma especie de tranquilidade mysteriosa e balsamica, que nos adormenta as magoas? Infeccionada dos interesses do mundo precisa a gente ás vezes para escapar ao contagio perfumar-se das idéas de Petrarcha, Lamartine, Castilho, Garrett; a leitura dos grandes genios é como um passaporte para qualquer viagem ardua e difficil,—não destróe as difficuldades, mas as difficuldades deixam-nos passar.

A *Regina* de Lamartine é o romance das almas juvenis e nobres; não são castellos de nevoa edificados nas nuvens, são as supremas aspirações do amor, o hymno das suas idealidades, das suas superstições, e dos seus sacrificios; ergue-nos do pó em que vivemos para nos dar animo contra as tormentas que o revolvem; respira-se emquanto se lê esta novella um ar acendrado e puro, e se depois nos leva insensivelmente d'essa athmosphera magica em que a alma se expande para a do mundo em que o coração anda constringido, não queiraes por isso perguntar-me prosaicamente:



«Para que serviu a viagem?» porque se trazem d'essa excursão inspirada mais recursos para auxiliar o que por ahi chamam vida positiva, do que de muitas jornadas commerciaes pelos desertos da sciencia e pelas charnecas da industria; não se ensina em semelhante obra a ganhar dinheiro, porém sim se aprende a ter alma. É uma especie de viatico e de eucharistia para a intelligencia; sente a gente em si pensamentos e parcellas de Deus, e torna-se-nos a intelligencia um céu, de onde se olha com piedade para as miserias humanas. E esse ha de ser, ó novella, eternamente o teu condão!

JULIO CESAR MACHADO.